

MARY BALOGH

*LIGEIRAMENTE
PERVERSO*

TRADUZIDO DO INGLÊS POR

ANA SOFIA PEREIRA

REVISÃO DA TRADUÇÃO

LUÍS RODRIGUES DOS SANTOS

ASA

CAPÍTULO 1

Momentos antes de a diligência se ter voltado ao contrário, Judith Law estava profundamente imersa num devaneio que havia conseguido suprimir a natureza desagradável da realidade atual.

Pela primeira vez nos seus vinte e dois anos de existência, estava a viajar numa diligência. No primeiro quilómetro ou dois ela já pusera de parte qualquer ideia que alguma vez pudesse ter acalentado de que este se tratava de um modo de viajar romântico e aventureiro. Estava esmagada entre uma mulher cuja largueza exigia um lugar e meio de espaço e um homem magro e irrequieto que era todo ossos e cotovelos e estava constantemente a contorcer-se para encontrar uma posição mais confortável, acotovelando-a em sítios desconfortáveis e por vezes embaraçosos ao mesmo tempo. Um homem corpulento à sua frente ressonava constantemente, aumentando de forma considerável os ruídos da viagem. A mulher sentada ao lado dele falava ininterruptamente com quem fosse suficientemente infeliz ou insensato para estabelecer contacto visual com ela, relatando a história lamentável da sua vida num tom de queixume lamuriento. Do homem silencioso sentado do seu outro lado emanava um odor a sujidade misturado com cebola

e alho. A carruagem chocalhava, vibrava e rangia ruidosamente sobre cada pedra e buraco na estrada, ou assim parecia a Judith.

Porém, apesar de todos os desconfortos da estrada, ela não estava ansiosa para chegar ao fim da viagem. Acabara de deixar para trás o conforto de Beaconsfield, do lar e da família e não contava regressar tão cedo, se é que alguma vez o faria. Estava a caminho da casa da sua tia Effingham para lá morar. A vida tal como sempre a conhecera acabara de chegar ao fim. Muito embora nada tivesse sido declarado explicitamente na carta que a tia havia escrito a seu pai, ficara bem claro a Judith que não ia ser uma hóspede considerada e acarinhada em Harewood Grange, mas uma parente pobre, da qual se esperaria que ganhasse o seu sustento do modo que a sua tia, tio, primos e avó julgassem apropriado. Falando cruamente, esperava-a uma vida de monotonia e escravidão – sem pretendentes, sem um casamento, sem um lar ou família próprios. Estava prestes a tornar-se uma daquelas mulheres apagadas que abundavam na sociedade, dependentes dos seus familiares, serviçais sem remuneração para estes.

Fora extraordinariamente generoso da parte da tia Effingham convidá-la, afirmara seu pai – tirando o facto de a sua tia, irmã de seu pai, que tinha feito um casamento extremamente vantajoso com o abastado e viúvo Sir George Effingham quando o viço inicial da juventude ficara para trás, não ser conhecida pela sua generosidade.

E era tudo por causa de Branwell, aquele demónio, que merecia ser alvejado e depois torturado e esquartejado pelas suas extravagâncias irrefletidas – Judith não concedia um pensamento atencioso ao seu irmão mais novo há muitas semanas. E por ser a segunda filha, a que não possuía qualquer rótulo reconfortante para tornar a sua presença prolongada em casa indispensável. Não era a mais velha – Cassandra era um ano mais velha do que ela. Não era seguramente a beleza da casa – a sua irmã mais nova Pamela ocupava esse lugar. E não era a mais nova – Hilary, de dezassete anos, gozava

dessa distinção dúbia. Judith era a filha embaraçosamente inconveniente, a feia, a que estava sempre bem-disposta, a sonhadora.

Judith fora aquela para quem todos se haviam voltado e olhado quando o seu pai viera até à sala de estar e lera a carta da tia Effingham em voz alta. O pai caíra em sérias dificuldades financeiras e devia ter escrito à irmã para pedir precisamente a ajuda que ela lhe estava a oferecer. Todos sabiam o que isso significaria para aquela que fosse escolhida para ir para Harewood. Judith havia-se oferecido. Todas tinham protestado quando ela falara, e todas as suas irmãs também se tinham oferecido – mas ela falara primeiro.

Judith passara a sua última noite na reitoria a arquitetar torturas elaboradas para Branwell.

O céu, para lá das janelas da carruagem, estava cinzento, com nuvens baixas e pesadas, e a paisagem era desoladora. O dono da estalagem onde tinham parado por breves minutos para uma muda de cavalos há uma hora avisara-os de que tinha caído uma chuva torrencial mais a norte e que era provável que eles se deparassem com ela e com estradas lamacentas, mas o condutor da diligência escarnecera da sugestão de que ficasse na estalagem até ser mais seguro prosseguir. Mas a verdade era que a estrada estava a ficar mais lamacenta a cada minuto que passava, ainda que a chuva que a provocara tivesse parado há já algum tempo.

Judith tinha bloqueado tudo – o ressentimento opressivo que sentia, as saudades terríveis de casa, o tempo desolador, as condições desconfortáveis da viagem e a perspetiva desagradável do que estava para vir – e, em vez disso, sonhava acordada, inventando uma aventura de fantasia com um herói de fantasia e ela própria como a heroína improvável. Estava a ser uma distração agradável para os seus pensamentos e disposição até momentos antes do acidente.

Ela estava a sonhar acordada com salteadores. Ou, mais precisamente, com um salteador. Este não era, obviamente, como qualquer salteador digno desse nome do mundo real – um ladrão perverso, imundo, amoral e rude e um assassino sem escrúpulos de viajantes

desafortunados. Não, de todo. Este salteador era moreno, bem-
-parecido, garboso e sorria – tinha uns dentes brancos perfeitos e
olhos que dançavam alegremente atrás das fendas da sua estreita
máscara negra. Galopava através de um campo verde iluminado
pelo sol em direção à estrada, controlando sem esforço o seu pode-
roso e magnífico garanhão negro com uma mão, enquanto apon-
tava uma pistola – descarregada, é claro – ao coração do cocheiro.
Ria-se e troçava alegremente com os passageiros enquanto os pri-
vava dos seus valores, e a seguir devolvia-os às pessoas que via que
não podiam sofrer a sua perda. Não... Não, ele devolvia *todos* os
valores a *todos* os passageiros, uma vez que ele não era de todo um
verdadeiro salteador, mas antes um cavalheiro determinado a vin-
gar-se de um vilão em particular, que contava que viajasse por essa
mesma estrada.

Ele era um herói nobre disfarçado de salteador, com nervos de
aço, uma atitude despreocupada, um coração de ouro, e uma apa-
rência capaz de provocar palpitações que nada tinham que ver com
medo a todas as passageiras femininas.

E eis que ele fixa o olhar em Judith – e o universo parou e as
estrelas cantaram no firmamento. Até ao momento, isto é, em que
ele soltou uma gargalhada jovial e anunciou que, *a ela, iria* privá-la
de um colar que baloiçava suspenso no seu peito, embora fosse
óbvio que não tinha praticamente qualquer valor em dinheiro.
Tratava-se simplesmente de algo que a sua... a sua *mãe* lhe dera
antes de morrer, algo que Judith jurara nunca retirar enquanto fosse
viva. Ela fez corajosamente frente ao salteador, atirando para trás a
cabeça e fulminando inabalavelmente aqueles olhos risonhos. Não
lhe daria nada, disse-lhe numa voz límpida e retumbante que não
tremeu uma nota que fosse, mesmo que tivesse de morrer.

Ele soltou mais uma gargalhada ao mesmo tempo que o seu
cavalo se empinava e depois fazia cabriolas enquanto o dominava
facilmente. Nesse caso, se não podia ficar com o colar sem *ela*, decla-
rou, ficaria com ele e *com* ela. Ele aproximou-se lentamente dela,
imponente, ameaçador e sublime, e quando estava suficientemente

perto, inclinou-se para baixo na sela, agarrou-a pela cintura com mãos poderosas – ela ignorou o problema da pistola, que ele brandia numa das mãos há apenas um momento – e puxou-a para cima sem esforço.

Ela sentiu um tremor quando perdeu contacto com a terra sólida e... e foi puxada bruscamente de volta para a realidade. A diligência tinha perdido tração na estrada lamacenta e estava a guinar, a zigzaguear e a oscilar descontrolada. Houve tempo suficiente – demasiado tempo – para sentir um terror absoluto antes de a carruagem se lançar numa longa derrapagem de lado, colidir com um talude de erva, se virar bruscamente de volta para a estrada, oscilar de forma ainda mais alarmante do que antes e, por fim, tombar numa vala baixa, imobilizando-se ainda a trepidar meio de lado, meio ao contrário.

Quando a racionalidade começou a regressar à mente de Judith, todos os outros passageiros pareciam estar a gritar ou a berrar. Ela não o fazia – em vez disso, estava a morder ambos os lábios. Os seis passageiros que iam no interior, descobriu, estavam amontoados de um dos lados da diligência. As suas maldições, gritos e gemidos confirmavam o facto de que a maioria, se não todos, estavam vivos. Do lado de fora, ela conseguia ouvir gritos e o relinchar de cavalos assustados. Duas vezes, mais nítidas do que qualquer outra, estavam a usar uma linguagem escandalosamente profana.

Ela estava viva, pensou Judith com alguma surpresa. Também estava – pôs à prova a ideia cautelosamente – ilesa, embora se sentisse consideravelmente abalada. Por algum motivo, parecia estar no cimo da pilha de corpos. Ela tentou mover-se, mas justamente no momento em que o fazia, a porta acima de si abriu-se e alguém – o próprio cocheiro – espreitou para baixo na sua direção.

– Então, menina, dê-me a sua mão – indicou-lhe ele. – Vamos tirar-vos a todos daí num abrir e fechar de olhos. Valha-me Deus, pare com essa guincharia, mulher – disse ele à mulher tagarela com uma lamentável falta de compaixão tendo em conta o facto de que fora ele quem os pusera naquela situação.

Demorou um pouco mais do que um abrir e fechar de olhos, mas, por fim, estavam todos de pé na orla relvada da vala ou sentados em cima de malas viradas ao contrário, a olhar fixa e desesperadamente para a diligência, que claramente tão cedo não iria retomar viagem. De facto, mesmo para os olhos inexperientes de Judith era evidente que a carruagem tinha sofrido danos consideráveis. Não havia sinal de qualquer habitação humana deste lado do horizonte. As nuvens pairavam pesadamente acima de si e ameaçavam romper-se em chuva a qualquer momento. O ar estava húmido e gélido. Era difícil acreditar que era verão.

Por milagre, até os passageiros que iam no exterior tinham escapado ilesos de ferimentos graves, embora dois deles estivessem cheios de lama seca e não estivessem muito contentes com isso. Na realidade, havia muitos ânimos exaltados. Havia vozes elevadas e punhos no ar. Algumas das vozes estavam elevadas com ira, exigindo saber por que razão um cocheiro experiente os havia levado de encontro ao perigo quando fora advertido na última paragem para aguardar um pouco. Outras estavam elevadas num esforço para que as suas sugestões do que devia ser feito fossem ouvidas acima do clamor. Outros ainda estavam a queixar-se de cortes, nódoas negras ou vários outros males. A senhora lamuriosa tinha um pulso ensanguentado.

Judith não se queixou uma única vez. Ela tinha escolhido seguir viagem apesar de ter ouvido o aviso e poder ter esperado por outra diligência. Também não tinha quaisquer sugestões a fazer. Ou quaisquer ferimentos. Sentia-se apenas extremamente infeliz e procurava à sua volta algo que a distraísse do facto de que estavam todos presos no meio do nada e prestes a apanhar uma molha. Começou a cuidar daqueles que estavam em dificuldades, embora a maior parte dos ferimentos fosse mais imaginária do que real. Era algo que ela podia fazer com confiança e uma certa dose de competência, visto ter acompanhado com frequência a sua mãe em visitas a doentes. Ligou cortes e nódoas negras, utilizando qualquer tipo de material que tivesse à mão. Escutou cada relato individual do

revés uma e outra vez, murmurando palavras tranquilizadoras enquanto encontrava lugares sentados para os que estavam cambaleantes e abanava com um lenço os desfalecidos. Passados poucos minutos, retirara o seu chapéu, que a estava a atrapalhar, e atirara-o para dentro da carruagem ainda tombada. O cabelo começou a cair-lhe pelas costas abaixo, mas ela não se deteve para tentar voltar a prendê-lo. A maior parte das pessoas, descobriu, comportavam-se realmente mal numa crise, embora esta não fosse nem de perto nem de longe tão desastrosa como podia ter sido.

Mas o ânimo dela estava tão abatido como o dos restantes. Isto, pensou ela, era mesmo a última gota. A vida não podia ficar mais desoladora do que aquilo. Ela batera mesmo no fundo. De certa forma, talvez esse até fosse um pensamento reconfortante. Decerto que não era possível descer mais do que aquilo. Só era possível subir – ou suportar um prolongamento eterno do mesmo.

– Como é que consegue estar tão animada, queridinha? – perguntou-lhe a mulher que tinha ocupado um lugar e meio.

Judith sorriu-lhe. – Estou viva – disse ela. – E a senhora também. Que motivos tenho para *não* o estar?

– Podia dar-lhe um ou dois – respondeu a mulher.

Mas a atenção delas foi desviada por um grito de um dos passageiros que ia no exterior, que apontava para a direção de onde tinham vindo ainda há alguns minutos. Aproximava-se um cavaleiro, um homem só a cavalo. Alguns dos passageiros começaram a chamar a sua atenção, embora ele ainda estivesse demasiado distante para os ouvir. Mostravam-se tão empolgados como se se tratasse de um salvador super-humano que se estivesse a precipitar em seu socorro. Judith não conseguia imaginar o que eles julgavam que um só homem podia fazer para melhorar a situação difícil em que se encontravam. Não tinha dúvidas de que eles também não teriam nenhuma ideia caso fossem interpelados.

Ela voltou a sua atenção para um dos desafortunados cavaleiros encharcados, que estava a limpar levemente um arranhão sangrento na face com um lenço enlameado e a fazer esgares de dor.

Talvez, pensou ela e conseguiu deter-se mesmo a tempo de rir alto, o desconhecido que se aproximava fosse o sorridente saltador alto, moreno e nobre do seu devaneio. Ou talvez fosse um verdadeiro saltador que vinha roubar-lhes os seus valores, quais presas fáceis. Talvez *ainda* fosse possível descer mais do que aquilo, no fim de contas.

Embora estivesse a fazer uma viagem extensa, Lord Rannulf Bedwyn deslocava-se a cavalo – evitava viajar de carruagem sempre que possível. O coche da sua bagagem, bem como o seu criado particular, rodavam algures atrás dele. O seu criado, sendo uma alma cuidadosa e tímida, provavelmente decidira parar na estalagem há uma hora e pouco depois de ter sido prevenido da chuva por um estalajadeiro determinado a fomentar o seu negócio.

Devia ter caído uma carga de água nesta parte da região não há muito tempo. Mesmo agora, parecia que as nuvens estavam apenas a recuperar o fôlego antes de libertar outra carga na terra abaixo de si. A estrada ficara gradualmente mais molhada e lamacenta até neste momento se assemelhar a um atoleiro. Podia voltar para trás, ponderou ele. Mas era contra a sua natureza virar costas a qualquer desafio, humano ou de outra natureza. Teria de parar na próxima estalagem que encontrasse, porém. Podia ser negligente em relação a qualquer tipo de perigo para si próprio, mas tinha de ter em consideração o seu cavalo.

Ele não tinha muita pressa para chegar a Grandmaison Park. A sua avó havia-o convocado, como por vezes fazia, e ele estava a fazer-lhe a vontade como geralmente fazia. Sentia muito afeto por ela mesmo não tendo em conta o facto de há vários anos ela o ter tornado o herdeiro da sua propriedade e fortuna sem vínculo a um morgadio apesar de ele ter dois irmãos mais velhos e um mais novo – para além das suas duas irmãs, é claro. A razão para a sua falta de pressa prendia-se com o facto de que, uma vez mais, a sua avó anunciara que lhe havia encontrado uma noiva apropriada. Era sempre

necessária uma determinada combinação de tato, humor e firmeza para a dissuadir da ideia de que podia dispor da vida dele. Ele não tinha qualquer intenção de se casar dentro em breve. Tinha apenas vinte e oito anos de idade. E se e *quando* se casasse, seria perfeitamente capaz de escolher a sua própria noiva.

Não seria o primeiro na sua família a aceitar os grilhões, porém. Aidan, o seu irmão mais velho, havia capitulado e casado abrupta e secretamente há poucas semanas de modo a pagar uma dívida de honra ao irmão da senhora, seu companheiro na Guerra Peninsular. Por algum estranho milagre, o apressado casamento de conveniência parecia já se ter transformado numa união de amor. Rannulf tinha conhecido Eve, Lady Aidan, pela primeira vez há apenas dois dias. Na verdade, ele partira da casa de ambos naquela manhã. Aidan vendera a sua patente militar e estava a adaptar-se à vida de um cavaleiro da província com a sua mulher e as duas crianças que ela acolhera, qual idiota perdido de amores. Mas Rannulf gostara da sua nova cunhada.

Na realidade, era um alívio saber que *era* uma união de amor. Os Bedwyn possuíam uma reputação de desregramento, arrogância e até mesmo frieza. Mas também possuíam uma tradição de permanecerem escrupulosamente fiéis aos seus cônjuges assim que de facto se casavam.

Rannulf não conseguia imaginar-se a amar uma mulher para o resto da sua vida. A ideia de permanecer fiel durante uma vida inteira era claramente deprimente. Só esperava que a sua avó não tivesse dito nada a respeito da união projetada à mulher em questão. Fizera-o uma vez e ele tivera o cabo dos trabalhos para convencer a mulher, sem o dar a entender, é claro, de que na realidade não se queria casar com ele.

Os seus pensamentos foram desviados de súbito pela aparição de um ponto negro à sua frente mais denso do que a lama e sebes predominantes. A princípio, pensou que era um edifício, mas quando se aproximou um pouco mais, apercebeu-se de que na realidade se tratava de um ajuntamento de pessoas e uma carruagem grande,

parada. Uma carruagem virada ao contrário, percebeu imediatamente, com um eixo partido. Os cavalos estavam na estrada assim como algumas das pessoas. A maioria, contudo, estava amontoada na orla relvada acima da carruagem, mantendo os pés longe da parte pior da lama. Muitas estavam a gritar, a acenar e a gesticular na sua direção como se estivessem à espera que ele desmontasse, empurrasse com os ombros o veículo arruinado para a estrada de novo, reparando magicamente o eixo enquanto o fazia, e ajudasse todos a entrar antes de partir a cavalgar na direção do pôr do sol da praxe.

Seria grosseiro, é claro, continuar a cavalgar sem parar só porque não podia oferecer qualquer assistência prática. Puxou pelas rédeas quando estava perto do grupo e esboçou um sorriso rasgado quando quase toda a gente tentou falar com ele ao mesmo tempo. Ergueu uma mão para os deter e perguntou se alguém se tinha ferido com gravidade. Aparentemente, não havia ferimentos graves.

– O melhor que posso fazer por todos vós, nesse caso – anunciou ele quando o clamor amainou novamente –, é continuar a cavalgar com toda a velocidade que conseguir e mandar ajuda da aldeia ou vila mais próxima.

– Há uma vila a menos de cinco quilómetros daqui, senhor – disse-lhe o cocheiro, apontando para a estrada. Um cocheiro especialmente incompetente, concluiu Rannulf, para ter perdido tão completamente o controlo da sua carruagem numa estrada lamacenta e não se ter lembrado de enviar um mensageiro num dos cavalos em busca de auxílio. Mas a verdade é que o homem mostrava sinais inequívocos de ter estado a proteger-se contra a humidade e o frio com o conteúdo do cantil que estava claramente visível no interior de um bolso escancarado do seu sobretudo.

Um dos passageiros – uma mulher – não se tinha juntado aos outros para o saudar. Estava inclinada sobre um cavaleiro enlameado sentado numa caixa de madeira, a pressionar uma espécie de ligadura improvisada na sua face. Este tomou-lha das mãos

enquanto Rannulf os observava e a mulher endireitou-se e voltou-se para olhar para ele.

Era jovem e alta. Usava uma capa verde, ligeiramente húmida e até mesmo enlameada na bainha. Esta abria-se na frente, revelando um vestido leve de musselina e um peito que aumentou imediatamente a temperatura corporal de Rannulf em pelo menos dois graus. Tinha a cabeça descoberta. O seu cabelo estava em desalinho e metade caía-lhe sobre os ombros. Era de um glorioso tom loiro-arruivado que nunca antes vira numa cabeça humana. O rosto que coroava era oval, ruborizado e de olhos claros – verdes, pareceu-lhe – surpreendentemente encantadores. Ela devolveu-lhe o olhar com um aparente desdém. O que é que ela esperava que ele fizesse? Que desse um salto para a lama e desempenhasse o papel do herói?

Ele esboçou um sorriso indolente e falou sem desviar os olhos dela.

– Creio que eu podia – disse ele – levar uma pessoa comigo a cavalo. Uma das senhoras, talvez? Minha senhora? Quer vir?

As outras passageiras começaram de imediato a manifestar a sua opinião a respeito da oferta e da escolha dele, mas Rannulf ignorou-as. A beleza ruiva fitou-o de novo e ele esperava plenamente que ela rejeitasse a sua oferta, tendo em conta o desprezo patente no seu rosto. Estava certo disso quando um dos seus companheiros de viagem, um indivíduo magro, esguio e de nariz afilado que tinha aspeto de ser um cavalheiro eclesiástico, deu a sua opinião, não solicitada.

– Meretriz! – exclamou ele.

– Ouça lá – afirmou uma das outras passageiras, uma mulher grande e roliça com bochechas vermelhas como maçãs e um nariz ainda mais vermelho –, veja bem a quem chama meretriz, ó homem. Não pense que eu não reparei na forma como esteve a devorá-la com os olhos durante metade do dia, porque eu reparei, seu velho devasso, a contorcer-se no lugar para poder apalpá-la ao encoberto. E vossemecê com um livro de orações na mão e tudo isso.

Devia era ter vergonha na cara. Vá com ele, queridinha. Eu ia, se ele me tivesse convidado, coisa que não fez por conta de eu ir fazer uma moosa a meio do cavalo dele.

A ruiva sorriu a Rannulf nesse momento, uma expressão que cresceu lentamente ao mesmo tempo que a cor das suas maçãs do rosto se acentuava.

– Com muito gosto, senhor – declarou ela numa voz que era quente, enrouquecida e lhe provocou arrepios na espinha como se se tratasse de uma mão de veludo.

Ele trotou até à beira da estrada, na sua direção.

Não se parecia nada com o salteador do seu devaneio. Não era nem ágil nem misterioso nem bonito nem mascarado, e embora sorrisse, havia algo zombador em vez de des preocupado na sua expressão.

O homem era sólido. Não era gordo, de modo algum, mas... sólido. O cabelo sob o chapéu era claro. Parecia ondulado e era seguramente demasiado comprido para estar na moda. O rosto tinha uma tez morena, sobranceiras escuras e um nariz grande. Os olhos eram azuis. Ele não era de modo algum bonito. Mas havia algo nele. Algo envolvente. Algo indiscutivelmente atraente – embora esta não parecesse ser uma palavra suficientemente poderosa.

Algo ligeiramente perverso.

Estes foram os primeiros pensamentos que assomaram na cabeça de Judith quando ergueu o olhar para ele. E é claro que ele não era nenhum salteador, mas apenas um viajante a oferecer-se para ir em busca de auxílio e levar alguém com ele.

Ela.

O seu segundo pensamento estava pleno de choque, indignação, ultraje. Como é que ele se atrevia! Quem é que ele julgava que ela era para esperar que concordasse em subir à garupa de um cavalo de um desconhecido e partir sozinha com ele? Ela era a filha do reverendo Jeremiah Law, cujas expectativas rígidas de decoro

e moralidade do seu rebanho só eram suplantadas por aquilo que ele esperava das suas próprias filhas – e especialmente dela.

O seu terceiro pensamento foi que a uma distância muito curta dali – o cocheiro dissera cinco quilómetros – existia uma vila e o conforto de uma estalagem, e que talvez ambos pudessem ser alcançados antes que a chuva começasse. Se ela aceitasse a oferta do desconhecido, isto é.

E depois recordou-se mais uma vez do seu devaneio, a fantasia disparatada e adorável de um salteador garboso que estivera prestes a arrebatá-la para uma aventura desconhecida e gloriosa, libertando-a de qualquer obrigação para com a sua família e passado, libertando-a da tia Effingham e da vida desoladora de escravidão que a esperava em Harewood. Um sonho que tinha sido despedaçado quando a diligência se virara ao contrário.

Agora tinha a possibilidade de vivenciar uma verdadeira aventura, mesmo que fosse pequena. Durante cinco quilómetros e talvez durante uma hora inteira ela podia cavalgar junto a este desconhecido atraente. Podia fazer algo tão escandalosamente inconveniente como abandonar a segurança e o decoro de um grande número de pessoas para estar sozinha com um cavalheiro. O seu pai trancá-la-ia no seu quarto a pão e água com a sua Bíblia durante uma semana se isto alguma vez lhe chegasse aos ouvidos, e a tia Effingham podia muito bem decidir que até mesmo um mês não era tempo suficiente. Mas quem é que poderia vir a saber disto? Que mal poderia vir a suceder-lhe?

E foi então que o homem ossudo lhe chamou meretriz.

Estranhamente, não se sentiu indignada. A acusação era tão absurda que ela quase soltou uma gargalhada. Contudo, encarou-a como um desafio. E a mulher roliça estava a encorajá-la. Seria ela uma criatura tão deplorável ao ponto de recusar esta pequena oportunidade que surgiria uma vez na vida?

Ela sorriu. – Com muito gosto, senhor – disse, escutando com uma certa surpresa que não estava a falar com a sua própria voz,